

ENTREVISTA:
ROMANCE HISTÓRICO & ROMANCE NA HISTÓRIA
Com Alberto Mussa

Realizada por Mary DEL PRIORE

Com obras publicadas em dezessete países, o romancista, contista e tradutor é muito conhecido por valorizar o encontro da narrativa ocidental com relatos mitológicos e língua de outras culturas, notadamente a afro-brasileira, a indígena e a árabe pré-islâmica. Sua conhecida série de cinco romances policiais tendo como pano de fundo a evolução histórica do Rio de Janeiro consagrou o ficcionista.

Mary Del Priore- Em várias obras, você usa quadros ou episódios nos quais personagens fictícios cruzam personagens históricos. E nas narrativas, os personagens femininos quebram o silêncio que lhes votou a História ou rompem papéis consagrados pelo romance, representando-se de um ponto de vista diferenciado. Podemos afirmar que você “emancipou” as mulheres ao construir leitoras, ciganas, escravas, índias, prostitutas, voyeuristas, adúlteras, entre outras figuras femininas ousadas e transgressoras.

Também marca seus livros a preocupação com a reconstituição minuciosa dos cenários e paisagens do Rio de Janeiro, preocupação que traduz uma visão de mundo – a dos personagens – inseparável do lugar que lhes deu origem. Representações do espaço-natureza - hostis, acolhedoras, bárbaras, poéticas - hidratam as narrativas. Mas, sobretudo dão a ver ao leitor, a ambientação em que se movem os protagonistas.

Partindo desses pontos, pergunto:

MDP-O que o levou à História?

Alberto Mussa-Creio que seja uma questão de personalidade, de configuração cerebral. Entrei na Faculdade de Matemática aos 17 anos; e a disciplina que mais me interessou foi História da Matemática. Aos 24 anos, ingressei na Faculdade de Letras: minha paixão foi, inicialmente, História da Literatura. Mas acabei me especializando em Linguística. Precisamente na área de Linguística Histórica. Suspeito que nunca tenha elegido a Faculdade de História porque, na minha época, a História ensinada em sala de aula não tinha gente, não tinha personagens, eram só ciclos econômicos: pau-brasil, cana-de-açúcar, ouro, café, borracha, essas coisas.

MDP- Lia romance histórico: Dumas, Walter Scott ou Balzac? Algum autor preferido ao qual retorna? E brasileiros autores de romances históricos?

AM-Sempre, desde que comecei a ler romances. Dumas, Scott, Vitor Hugo, Sienkiewicz, Cooper, Lee Wallace, Alexandre Herculano, um monte de autores. Balzac acho que li mais tarde. Mas adoro. Entre os clássicos, talvez retorne mais a Herculano e a Hugo,

particularmente à *Nossa Senhora de Paris*. Mas não posso deixar de referir Umberto Eco e o seu esplêndido *O nome da rosa*. Quanto aos brasileiros, meu ídolo é Alencar e sua trilogia ameríndia: *Iracema*, *Ubirajara*, *O Guarani*. A que se soma *As Minas de Prata*, um livro injustamente esquecido.

MDP-Por que resolveu integrar o Romance na História ou vice-versa?

AM-Não foi um processo consciente, racional. A criação exige racionalidade e simultaneamente uma boa dose de emoção, de afetividade. E minha maneira de sentir as coisas é, fundamentalmente, histórica. Não compreendo coisa nenhuma se não compreendo a história dessa coisa.

MDP-A pesquisa com documentos históricos ajuda a dar verossimilhança às personagens femininas? Há algo de autobiográfico nelas?

AM- De autobiográfico certamente há, mesmo que eu negue. Mas não pesquiso documentos, não vou a acervos ou bibliotecas. Meus grandes aliados são os historiadores. Eu leio, e muito, os livros *de História*. São eles que me imprimem as imagens dos tempos antigos. Ou me dão personagens que posso aproximadamente recriar numa ficção.

MDP-Há a mesma preocupação quanto às descrições de paisagens. Vocês se referem a viagens, deslocamentos, cenários urbanos e rurais. O que se vocês dão a ver, é extraído de documentos de época? O uso de mapas é importante?

AM-A paisagem, para mim, tem um tratamento distinto daquele que dou às personagens. Sou completamente obcecado pela reconstrução *física* do ambiente, do espaço. Consulto mapas, detalhadamente. Não ousa inventar nada que não verificado na cartografia da época. Relativamente ao ambiente humano, é diferente: me inspiro no que leio para criar meus personagens.

MDP-A pesquisa tem que ser exclusivamente acadêmica ou pode integrar relatos de amigos e profissionais de diferentes áreas, fontes tanto convencionais quanto incomuns? Em caso de resposta afirmativa, pode dar exemplos?

AM- Me valho apenas de fontes acadêmicas, como afirmei, porque gosto de ler historiografia dos grandes autores (para mim, a historiografia é um dos gêneros literários mais fascinantes). Agora, gosto de, às vezes, contradizer a historiografia, para ampliar as possibilidades da ficção. Cito um exemplo: nos livros que li, para escrever minha novela *A biblioteca elementar*, vi que o antigo nome da rua da Carioca, no Rio de Janeiro, era rua do Egito, porque ali havia um oratório consagrado à Fuga da Sagrada Família. Bem, achei isso pouco romanesco. E inventei que a rua do Egito assim se chamou porque nela moravam ciganos, que sempre se disseram oriundos do Egito. Tal ousadia estava ainda baseada na proximidade dessa rua do chamado (historicamente) Campo dos Ciganos, onde de fato houve ciganos. Então, infrinjo certas verdades com mentiras verossímeis, quando são mais saborosas, ou mais adequadas ao que pretendo escrever.

MDP-O que vem antes: a vontade de desenvolver uma história sobre tais e quais personagens ou a empatia com determinado momento histórico?

AM-Meu tipo de romance diverge um pouco do tradicional: não recrio *personagens históricas*, aquelas que são historiograficamente documentadas, como personagens fundamentais dos meus romances. Quando entram, entram apenas como referências, como citações. Meu interesse é a época. Mas não tenho empatia específica por um século ou momento. Gosto da História inteira, aliás, da Pré-História e da História. Qualquer época me fascina, desde que eu não tenha vivido nela.

MDP-A retomada do romance histórico nos incentiva a pensar o presente, a partir do que esquecemos do passado?

AM-Não gosto dessa maneira de ver a História, como me ensinavam no colégio. A História não *serve* para entender o presente. Não é uma disciplina utilitária, ancilar, auxiliar. A História é *tudo*. O presente, isso que vivemos, é uma tolice, não tem nenhuma graça, nenhum interesse. Qualquer mentecapto entende seu presente, à sua maneira. A História está num outro patamar. No patamar da grande inteligência.

MDP-A presença da História no romance pode ser uma forma de resistência contra a amnésia criada pelos tempos atuais? Os leitores têm necessidade de localizar-se historicamente e desejam encontrar paralelos com o passado?

AM-Não sinto dessa forma. Para mim, o romance, e a ficção em geral, são maneiras de provocar e diversificar as experiências existenciais. Ou seja, ler ficção permite que a pessoa viva uma multiplicidade de vidas que ela, fisicamente, seria incapaz de viver. Quando um homem lê, por exemplo, *Madame Bovary*, ele **vive** uma experiência feminina, que seria impossível, psicologicamente, para ele. A presença da História potencializa, ou exacerba, tal distanciamento. O romance histórico, assim, amplia radicalmente nossa compreensão da natureza humana.

MDP-A busca intensa por romances históricos, biografias, testemunhos, documentários, séries de tv confirma, como diz Beatriz Sarlo, que “a História está na moda”?

AM-Se a História está na moda, essa moda dura já uns 160 mil anos, desde a época da Eva Mitocondrial, mulher que viveu entre as atuais Botsuana e África do Sul, e é a antepassada comum a toda humanidade atualmente viva.